

Após dois anos da invasão russa ao seu território, completados hoje, a Ucrânia enfrenta um cenário de muitas incertezas e perdas. As esperanças de uma contraofensiva eficaz foram frustradas, sobretudo com a recente captura de Avdiivka, no leste, pela Rússia, sendo o maior avanço de Moscou desde a conquista de Bakhmut, na mesma região, em maio passado.

Para além dos problemas na fronteira — que também passam pela diminuição da ajuda militar de seus aliados, em especial dos Estados Unidos — e da perspectiva de um fim ao conflito ainda estar distante, há o impacto da guerra nos civis. Desde o início da ofensiva russa, em 24 de fevereiro de 2022, mais de 10 mil civis perderam a vida na Ucrânia, com cerca de 3,7 milhões de deslocados internos e mais de 6,5 milhões de refugiados, segundo dados recentes da ONU — sem contar os dados como desaparecidos (o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, CICV, atualmente investiga em torno de 23 mil casos).

Os 24 meses de guerra também levaram o país a se tornar o mais fortemente minado em todo o mundo, com cerca de 174 mil quilômetros quadrados do território (cerca de 30%) contaminados por minas terrestres. Ainda segundo a ONU, mais de 14,6 milhões de pessoas no país, ou 40% da população, precisam de ajuda humanitária em 2024.

O porta-voz do CICV em Kiev, Achille Després, falou ao GLOBO sobre a situação humanitária geral na guerra após dois anos da invasão russa e quais os maiores desafios da instituição em relação ao conflito atualmente.

O relatório da Cruz Vermelha diz que a entidade busca cerca de 23 mil pessoas desaparecidas devido ao conflito. Atendemos mais de 115 mil solicitações de familiares. Como são esforços para ajudá-los a localizar seus parentes desaparecidos? Quantas crianças são parte deste número?

Isso é provavelmente apenas a ponta do iceberg, já que muitas famílias não entram em contato conosco. E essas pessoas estão tanto na Ucrânia quanto na Rússia.

Durante conflitos armados, todas as partes envolvidas têm a obrigação de compartilhar informações conosco sobre pessoas protegidas que estão sob sua custódia, como prisioneiros de guerra ou internos civis. Nós agimos como intermediários, recolhendo e re-



Leite. Familiares se reúnem junto aos escombros de uma casa para velar os corpos de três ucranianos mortos em um ataque da Rússia em Kramatorsk, segundo CICV, à merem mais de 10 mil civis

ENTREVISTA

Achille Després / PORTA-VOZ DO CICV EM KIEV

Após dois anos de guerra, consequências do conflito para a Ucrânia incluem milhões de refugiados e deslocados, milhares de desaparecidos e mais de 30% do território do país contaminados por explosivos

AMANDA SCATOLINI | amanda.scatolini@globo.com.br

‘EXPLICAMOS ÀS CRIANÇAS COMO RECONHECER UMA MINA TERRESTRE’

sando as listas e transmitindo a informação para as famílias. Sobre as crianças, nós não temos um número. O total inclui civis e crianças, mas a grande maioria dos desaparecidos que buscamos é de militares, de ambos os lados.

E qual a situação geral das crianças em meio ao conflito hoje, especialmente no que diz respeito à educação? O Unicef alertou em 2023 sobre uma “perda generalizada no aprendizado” das crianças em idade escolar devido ao conflito. Sim, uma coisa que temos visto é que milhares de crian-

ças infelizmente tiveram sua educação severamente interrompida. Escolas foram danificadas ou até mesmo destruídas, especialmente próximo à linha de frente. Muitas não têm mais escola para frequentar ou precisam continuar sua educação on-line.

Eu moro na capital, Kiev, e mesmo aqui há áreas em que as crianças tocam pelas mãos e temos que nos refugiar em abrigos, incluindo estações de metrô, e vemos famílias com crianças que deveriam estar na escola muito confusas, sem saber o que está

acontecendo. Isso já ocorre há dois anos e você pode imaginar o quão difícil é para as crianças, o impacto psicológico e mental que isso causa nelas.

A Ucrânia foi reconhecida como o país com o maior número de minas terrestres no mundo. Que medidas a Cruz Vermelha toma para garantir a segurança dos civis em áreas afetadas?

Sabemos, a partir de outros conflitos, que os efeitos da contaminação por minas terrestres, de projéteis não detonados, restos explosivos de guerra e outras bombas que podem não ter detonado, permanecerão nas vidas civis por muitos anos. Fornecemos expertise técnica e apoio técnico aos socorristas. Nós os dotamos dos equipamentos para o descarte seguro de explosivos, também treinamos categorias específicas da população que estão em áreas de risco.

Outra coisa é treinar crianças para reconhecer os riscos relacionados às minas terrestres. Fazemos o que chamamos de treinamento porta a porta, reunindo as pessoas, especialmente crianças, para explicar a elas, em palavras simples, como reconhecer o que é uma mina, o que é um projétil não detonado, o que fazer, como reconhecer o risco, estar ciente deles e entender os procedimentos de segurança. É muito triste que elas preci-

sem aprender isso, mas é, infelizmente, muito necessário.

Com os recentes ataques russos, houve um novo aumento no número de pessoas se deslocando internamente? O que mudou do início até aqui?

É difícil dizer. Parte do nosso trabalho é ajudar pessoas que tiveram que deixar tudo para trás, incluindo suas casas e pertences. Muitas pessoas estão em extrema necessidade de apoio para necessidades muito básicas, como água e comida, especialmente para sobreviventes ao inverno. Em algumas regiões fica extremamente frio, podendo chegar a -20°C Celsius, e há locais que foram severamente afetados pelos últimos combates.

Houve também um grande influxo de pacientes, especialmente em unidades de saúde próximas à linha de frente, devido ao aumento do número de militares feridos. Isso afeta os civis que precisam ser tratados pelos hospitais. Hoje temos mais de 35 unidades de saúde que apoiamos regularmente com a doação de equipamentos médicos, suprimentos médicos e medicamentos.

A longo prazo, nossa prioridade é ajudar as comunidades e pessoas mais diretamente afetadas, como idosos e pessoas com deficiências que são tipicamente as que estão mais em risco em áreas de conflito.

Israel: plano para pós-guerra prevê expulsão da UNRWA

Netanyahu sugere fechar agência da ONU para refugiados palestinos e dar ‘liberdade indefinida’ para atuação do Exército em Gaza

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, apresentou na quinta-feira ao seu Gabinete de segurança os planos para o pós-guerra em Gaza. Na primeira proposta sobre o tema formalmente apresentada para aprovação, Netanyahu sugere a instalação de “autoridades locais” não afiliadas ao terrorismo para substituir o Hamas, o fechamento da agência de assistência da ONU para refugiados palestinos (UNRWA) e “liberdade indefinida” para atuação do Exército.

Segundo o jornal Times of Israel, o premier adiou por mais de quatro meses as discussões sobre o chamado “plano seguinte” à guerra. Netany-

hu temia que isso pudesse levar a fissuras na coalizão, apoiada sobretudo pela extrema direita. Alguns ministros pressionaram pela reinstalação de assentamentos judaicos em Gaza e pelo controle permanente do enclave palestino. O premier, porém, diz que as medidas, que levariam à dissipação do pouco apoio do país no Ocidente.

Netanyahu limitou-se a dizer que não permitirá que a Autoridade Nacional Palestina (ANP) volte a governar Gaza, embora em alguns momentos tenha afirmado que Israel não aceitará a administração da ANP em sua forma atual, indicando que o país poderia assumir com o órgão caso ele seja reformado. Antes de o Hamas assumir o controle da



região num golpe violento em 2007, o enclave era liderado pelo Fatah, partido político associado à ANP. O documento diz apenas que os assuntos civis em Gaza

serão administrados por “autoridades locais” que tenham “experiência administrativa” e que não estejam vinculadas a “países ou entidades que apoiem o terrorismo”. A linguagem

é vaga, mas pode excluir grupos que recebem financiamento do Catar e do Irã. A proposta afirma que as Forças Armadas de Israel continuarão a guerra até alcançar

seus objetivos, que são a destruição das capacidades militares e infraestrutura governamental do Hamas e da Jihad Islâmica, o retorno dos reféns sequestrados em 7 de outubro e a remoção de qualquer ameaça à segurança viável de Gaza a longo prazo. Além disso, o Exército israelense terá “liberdade indefinida” para operar em todo o território e “testar o ressurgimento da atividade terrorista”. O texto prevê uma “zona de segurança na fronteira do lado palestino de Gaza”.

O documento propõe, ainda, o fechamento da agência de assistência da ONU para refugiados palestinos. Israel acusa 12 funcionários do órgão de envolvimento no ataque do Hamas. Segundo a proposta, autoridades israelenses trabalharão para substituir a agência por “organizações de ajuda internacional responsáveis”. O primeiro-ministro também indicou que o país só permitirá o início da reconstrução de Gaza após a desmilitarização.